

FO  
CX.42  
2647/1999

## O NOME CURITIBA

*Aryon Dall'Igna Rodrigues*

Ao completarem-se trezentos anos da fundação formal de Curitiba, cabe deter-se ainda uma vez sobre a natureza de seu nome. A origem e o significado da palavra *Curitiba* figuram corretamente já na Corografia Brasileira de Aires de Casal, publicada em 1817, e nas obras dos naturalistas A. de Saint-Hilaire (1851) e C.F.P. von Martius (1867). Em sua origem a palavra significa "pinhal" (ou, como se diz mais freqüentemente no Paraná, "pinheiral"). Quanto a isso não há dúvidas, e todos os estudiosos que mais recentemente se ocuparam da toponímia brasileira em geral ou da paranaense, ou deste nome em particular, reproduzem essa informação (p.ex. Sampaio, 1901; Martins, 1934; Nascentes, 1952; Rodrigues, 1953; Guérios, 1983). Divergência tem havido quanto à língua específica (ou quanto ao nome dessa língua) de onde procede o nome Curitiba e quanto à forma original deste naquela língua.

## Origem tupi-guarani

Como a maioria dos topônimos brasileiros terminados em *-tiba* ou *-tuba*, o nome **Curitiba** procede de uma língua da família lingüística tupi-guarani. Saint-Hilaire atribuiu-o ao guarani, ao passo que Martius o incluiu em sua lista de alguns nomes de lugares da língua tupi. Convém observar, entretanto, que Martius dava à expressão "língua tupi" um sentido amplo, abrangendo não só as várias línguas então conhecidas da família tupi-guarani, mas também línguas que hoje classificamos em outras famílias afins, como o mundurukú. Assim sendo, "tupi" em Martius não se opõe a "guarani", e tanto isso é verdade, que a única variedade de língua guarani que ele incluiu em sua coleção de vocabulários, o "cayowás" (kaiwá), aí aparece como variedade de "língua tupi" (Martius, 1867:18-20). O termo tupi tomou esse sentido amplo no século passado entre os intelectuais brasileiros, e Martius, com seu prestígio científico, deve ter contribuído para firmá-lo. Originalmente era o nome dos índios tupi-guaranis estabelecidos no século XVI no litoral de Santos e São Vicente e serra-acima no alto rio Tietê. Eram os "tupis de São Vicente" a que se referiu Anchieta, também conhecidos como tupiniquins (tupinikĩ), cuja língua tinha certas especificidades que a distinguiam da língua que se estendia "desde

os Pitiguares do Paraíba até os Tamôyos do Rio de Janeiro" (Anchieta, 1595:1 verso).

## Língua tupinambá

A esta última, e aos índios que a falavam, aplica-se hoje na literatura antropológica e lingüística o nome tupinambá (e também tupi antigo), justamente para eliminar as ambigüidades decorrentes do uso generalizado do termo tupi (Métraux, 1948:95; Rodrigues, 1958:4; Rodrigues, 1959:3-4).

Dada a situação geográfica da língua tupinambá, ao longo do litoral, do Rio de Janeiro para o norte, exclui-se a possibilidade de que o nome Curitiba proviesse dessa língua. Não só os índios tupinambás não habitavam as terras do atual Estado do Paraná, como também, e por isso mesmo, não tinham nome em sua língua para o pinheiro do Paraná, a *araucaria angustifolia*, cuja distribuição geográfica não se estendia a seu hábitat. Tanto era assim, que no dicionário dessa língua compilado pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII, o Vocabulário da Língua Brasileira, a palavra para "pinhão" é emprestada do português, pinhã, e o nome para o "pinheiro" é pinhãiba (pinhã ' ýba), literalmente "árvore de pinhã" (Anônimo, 1953:78; v. Rodrigues, 1953; Guérios, 1983).

## Língua guarani antiga

Grande parte do território paranaense foi habitada por índios que falavam a língua guarani. Esta língua foi bem documentada na primeira metade do século XVII, na forma como era falada na chamada província de Guairá, que se estendia ao sul do rio Paranapanema, desde o rio Paraná a oeste, até o rio Tibaji a leste e, para o sul, até o rio Piquiri. O padre peruano Ruíz de Montoya, que foi líder das missões jesuíticas do Guairá, compôs, além de uma gramática e um catecismo em língua guarani, um vocabulário espanhol-guarani e um amplo dicionário guarani-espanhol, o célebre *Tesoro de la lengua guaraní* (1639, 1640). A variedade de guarani por ele registrada é agora chamada *guarani antigo*, para distingui-la das diversas variedades faladas atualmente. No *Vocabulario*, ele registrou as palavras *curi* <sup>ĩ</sup> (*kurí ' ý*) para "pinheiro" e *kurí* <sup>ĩ</sup> *á* (*kurí ' ý ' á*) (literalmente, "frutos do pinheiro") para "pinhões"; no *Tesoro* acrescentou para *curi* <sup>ũ</sup> o significado de "pinhões com casca" e deu também *curi* <sup>ũ</sup> *ba* <sup>ĩ</sup> *yi* (*kurí ' ýba ' ýi*) "pinhões descascados" (literalmente, "sementes de pinheiro"), além de outros nomes compostos com *kurí ' ý / kurí ' ýb*. Em guarani antigo havia, portanto, um nome específico para o pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*). A forma básica desse nome é *kurí ' ýb*, com a consoante final, a qual se perde salvo quando

é seguida por uma vogal na mesma palavra, como em *kurí ' ýba ' ýi*, que é uma só palavra, composta de *kurí ' ýb* "pinheiro" e *-a ' ýi* "semente".

Havia povos tupi-guaranis ainda mais a leste, até o litoral atlântico do Paraná. Os do litoral eram conhecidos desde o século XVI sob o nome de *carijós* e são considerados também guaranis (Métraux 1928:34). Não dispomos, entretanto, de nenhuma documentação direta sobre as variedades lingüísticas que falavam esses guaranis orientais. Mas há uma espécie de documentação indireta, que são os topônimos. É verdade que Júlio Moreira se surpreendeu com a ausência de topônimos indígenas nos mais antigos documentos sobre os campos de Curitiba, especialmente sobre a área em que surgiu esta cidade, e daí inferiu ausência de índios, que teriam fugido "temerosos pela presença do colonizador português" (Moreira, 1972:31). Entretanto, fixou-se no uso dos moradores da região grande número de topônimos tupi-guaranis, oriundos ou da língua dos indígenas que provavelmente aí habitaram, ou da língua geral usada pelos primeiros mineradores e exploradores. Além de Curitiba e Atuba, discutidos neste estudo, há outros como *Barigüi* (de *mbariwí ' ý* "rio dos mosquitos-pólvora"), *Cajuru* (de *ka ' ájuru* "boca do mato"), *Cangüiri* (de *kängwéry*

“rio da ossada” ou de akángwérý “rio da caveira”), Capanema (de ka ‘ ápanéma “mato improdutivo”), Capivari (de kapi ‘ ybarý “rio das capivaras”), Guabirota (de wabirótýba “guabirobal”), Itaperuçu (de tapérusú “grande tapera”), Piraquara (de pirákwára “toca de peixes”), Tatuquara (de tatúkwára “tocas de tatu”), Uberaba (de ýberába “água brilhante”), Votuverava (de ybytýberába “morro brilhante”), Xaxim (de txatxĩ “samambaia arborescente”).

### Constituição do nome Curitiba

A segunda parte da palavra Curitiba provém de uma raiz comum às línguas da família tupi-guarani com um significado existencial e que, em composição com nomes, designa o lugar onde existem (em abundância) as coisas designadas por esses nomes. Em guarani antigo a forma dessa raiz era týb, e Ruíz de Montoya exemplificou seu uso com os nomes abatí “milho” e caá (ka ‘ á) “erva-mate”: abatítí (abatítý/abatítýb) “milharal” e caatí (ka ‘ átý/ka ‘ átýb) “erval” (Ruíz de Montoya, 1639:387). Embora não figure em sua obra a palavra “pinhal”, esta pode ser construída seguramente como kurí ‘ ýtýb. A essa forma pode ser acrescentada a terminação -a, que é um sufixo flexional que ocorre em determinadas situações sintáticas, produzindo a palavra kurí ‘ ýtýba. Exemplos

semelhantes encontram-se no Tesoro: capytíba (kapi ‘ ítýba) “capinzal”, itátíba (itátýba) “pedregal” (Ruíz de Montoya, 1639:89, 179).

Desde Aires de Casal vem-se repetindo que o nome indígena seria formado de curi (kurí) “pinhão” ou “pinheiro” e tyba. Entretanto, ainda que se possa analisar a palavra guarani antiga kurí ‘ ýb como composta de uma raiz kurí com o sentido de “pinheiro” e ýb “árvore”, a obra de Ruíz de Montoya não nos dá nenhum caso de uso de kurí sem que este esteja associado a ýb; o próprio “pinhão com casca” é chamado kurí ‘ ýb, e não kurí. Sendo assim, não é seguro que em guarani antigo ocorresse a composição kurítýba em vez de kurí ‘ ýtýba.

Na transcrição das palavras do guarani antigo aqui mencionadas, o apóstrofo representa a consoante oclusiva glotal e a letra y representa a vogal alta central não arredondada. Na apropriação das palavras indígenas pelos falantes de português, a oclusiva glotal foi eliminada e a vogal y foi substituída ora pela vogal i, ora pela vogal u. Assim, kurí ‘ ýtýba terá sido percebido como kuriitíba e esta forma, pela ~~con~~tração dos dois ii provenientes da seqüência i ‘ ý, terá resultado em kuritíba, isto é, Curitiba. É interessante notar que um dos registros mais antigos do nome Curitiba, constante de um dos primeiros

mapas da baía de Paranaguá, atribuído ao cartógrafo português João Teixeira Albernaz e feito em 1653 ou pouco antes (Moreira, 1972:45ss.), apresenta a forma Quereitiba (“Caminho de Quereitiba”), a qual, embora infiel quanto à vogal da primeira sílaba, parece refletir as duas vogais da seqüência ij no meio do nome. Num artigo de Ermelino de Leão, publicado no Almanach dos Municipios, Edição do Centenário (1922), sob o título “A Villa de Nossa Senhora da Luz de Curityba”, a legenda do mapa de Albernaz é apresentada como Caminho para “Queretuba”, o que decerto resulta de uma citação de memória, pois não corresponde ao que se lê claramente naquele mapa, cuja cópia foi publicada por Moysés Marcondes em impressão da Imprensa Paranaense (1923) e reproduzida por Júlio Moreira em seu livro de 1972; em 1926 a mesma grafia infiel, Queretuba, foi repetida por Romário Martins (1926:4). Já a forma Curityba, lida na Carta de Sesmaria de Botiatuva de 1698, mencionada no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, vol. XIV, pág. 82, talvez resulte de uma leitura imperfeita de um possível Curijtiba, que deveria ser lido Curiitiba.

Entretanto, no dialeto da língua guarani mais falado no Estado do Paraná, que é o mbyá, o pinheiro é chamado simplesmente de kurí e o pinhal de kurítý

(em competição com pinhõ e pinhõndý, o primeiro emprestado do português e o segundo derivado dele com o mesmo elemento tý, que indica abundância, aí nasalizado em ndý pela vogal nasal de pinhõ) (Dooley, 1982:97, 146, 292). Mas o mbyá certamente não era falado no planalto de Curitiba nos séculos XVI e XVII. Hoje o maior número de índios guaranis que falam este dialeto, no Paraná, vivem nos municípios de Laranjeiras do Sul e Manguaçu. Tanto estes, como um grupo que agora vive na Ilha da Cotonga, na Baía de Paranaguá, são oriundos do vale do rio Paraná, de onde têm emigrado pouco a pouco ao longo dos últimos cem anos.

É claro que o povo guarani que vivia na região de Curitiba no século XVII poderia falar uma variedade lingüística mais próxima do mbyá que do guarani antigo documentado pelo padre Ruíz de Montoya no noroeste do atual Estado do Paraná, e assim poderia ter tido a forma kurítýba para “pinhal”, em vez de kurí ‘ ýtýba. Mas esta última é a única que temos atestada, ainda que indiretamente, para aquele século, a qual parece refletida, no detalhe que a diferencia do mbyá, no nome registrado no velho mapa atribuído a João Teixeira Albernaz (e no possível Curijtiba da Carta de Sesmaria de Botiatuva).

## Singularidade do nome Curitiba

Um aspecto da história do nome Curitiba é o seu étimo, ou seja, a palavra da língua guarani de que ele proveio: acima foram examinados a forma e o significado de tal palavra. Outro aspecto é a adaptação dessa palavra à fonologia da língua portuguesa, ou seja, como veio ela a ser pronunciada em português. Isto, em parte, já foi visto na seção anterior. Há, porém, um detalhe que ainda merece ser tratado. Já em 1912 Euclides Bandeira chamou a atenção para o fato de que o nome Curitiba “oferece natural particularidade: no Paraná é talvez o único com a terminação em tiba; os outros terminam em tuba ou tuva: Guaratuba, Timbotuva, Botiatuva, etc.” (Bandeira, 1912:4). Romário Martins retomou essa observação em 1926: “A forma tyba, do nome da Capital Paranaense, raríssima no Sul, é a única na toponímia do Paraná: no litoral temos Guaratuba, no interior Imbituva.” (Martins, 1926:10).

Realmente Curitiba é um caso único entre os topônimos de origem guarani no Paraná. Não há outro nome de lugar nessa região, em que a vogal y do guarani ou da língua geral tenha sido adaptada ao português como i quando precedia o fonema b. Como observou muito bem Euclides Bandeira, o normal foi a adaptação de y como u. Isso vale, aliás, não só para

o y no elemento -tyba, que foi aportuguesado como -tuba e -tuva, mas também em outras palavras do guarani em que a vogal y precedia a consoante b (que era, nessa língua indígena, uma fricativa bilabial - como o b espanhol entre vogais, p. ex. em caballo). Assim, a palavra guarani para “pinheiro”, kurí 'yba, fixou-se no português como Curiúva, outro topônimo paranaense.

## Distribuição geográfica de -tiba e -tuba

Marcando-se no mapa os topônimos formados com o elemento tupi-guarani -tyba, vê-se que Curitiba está de fato isolado, em meio a uma grande área dominada por topônimos acabados em -tuba e em -tuva. Esta área compreende todo o litoral entre a baía de Angra dos Reis (Rio de Janeiro) e Laguna (Santa Catarina) e, no interior, o alto rio Paraíba do Sul, o alto e médio Tietê e, daí para o sul, o amplo espaço que vai até o rio Uruguai. Já quanto a -tiba, as duas áreas de ocorrência mais próximas de Curitiba situam-se bem longe, uma pequena ao norte, estendendo-se do alto Tietê (onde se sobrepõe à área de -tuba/-tuva), em São Paulo, até o alto rio Grande, em Minas Gerais; a outra a nordeste, seguindo o litoral, de Angra dos Reis até o rio Jequitinhonha, no Estado da Bahia. Essas



1912:4; Martins, 1926:10), Curitua (Martins, 1926:10), Curutuba (Leão, 1926:440), Currutua (Leão, 1926:440). Afora uma referência a Sebastião da Rocha Pita, cuja História da América Portuguesa é de 1730, as demais referências não permitem localizar, nem datar os documentos aludidos. Mais imprecisa ainda que as daqueles primeiros historiadores é a referência que faz um autor moderno a uma forma "coré-etuba" (Wachowicz, 1988:62).<sup>\*</sup> Entretanto, a ocorrência em documentos antigos de formas em -tuba ou -tuva está a indicar que houve também no século XVII as esperadas pronúncias Curituba e Curitua, em conformidade com a área lingüística em que se insere Curitiba. A questão enigmática é: como foi introduzida e fixada nessa área a forma destoante Curitiba? Que foi introduzida muito cedo vê-se de documento de 1649, transcrito por Júlio Moreira, consistente em uma série de depoimentos, tomados

---

<sup>\*</sup> Nota do editor. O primeiro a fazer referência a coré-tuba ou curu-tuba com o significado de "terra com muito pinhão" foi Romário Martins, na página 82, da primeira versão de sua *História do Paraná*, apresentada como trabalho para o concurso de lente do Ginásio Paranaense e publicada em 1899. Nas edições posteriores da mesma obra o autor retira esta referência. A designação coré-tuba será também retomada por Francisco Negrão nas notas a obra de Vieira dos Santos. Apesar dessa referência só ocorrer duas vezes, e, no primeiro caso, abandonada pelo autor o professor Rui Wachowicz optou por esta versão sem respaldo lingüístico.

a termo a mando de Ébano Pereira, sobre o descobrimento de ouro por Gabriel de Lara nos campos de Curitiba (Moreira, 1972:101-114). Embora a transcrição não reproduza a grafia original do documento, Moreira assevera que o nome dos campos está escrito, em todas as suas ocorrências, na forma Curitiba, e a isso contrapõe a forma Curytiba que aparece em documento de 1698, a já referida Carta da Sesmaria de Botiatuva (Moreira, 1972:81-82).

É provável que a introdução e fixação da pronúncia Curitiba se deva à procedência de alguns dos primeiros exploradores dos campos de Curitiba. Na época, a maioria deles devia falar a língua geral, isto é, a forma assumida pela língua indígena no uso dos descendentes de portugueses e índias, os mamelucos (Rodrigues, 1986:102). Muitos deles seriam bilingües em português e língua geral e deveriam ter hábitos bem estabelecidos no adaptar de palavras de uma língua à outra. Estes hábitos, entretanto, poderiam divergir segundo as áreas em que cada um se criava. Seria bom, por isso, tentar traçar a procedência de quantos são referidos nos primeiros documentos de Curitiba. Sabe-se, por exemplo, que Ébano Pereira, que teve atuação de relevo no desenvolvimento da mineração de ouro nos campos de Curitiba, era natural do Rio de Janeiro,

portanto de fora da área -tuba/-tuva, mas de dentro da área de -tiba. E é justamente nos depoimentos de mineradores tomados sob sua iniciativa e por seu escrivão, em 1649, que aparece reiterada e consistentemente (14 vezes) a forma Curitiba.

### A versão kaingáng

Romário Martins informou que o chefe dos índios kaingáng do rio Ivaí, Arakxó, atribuía a origem do nome Curitiba à frase curi-tim (kuri ti), que na língua kaingáng significa "Vamos! Depressa!" (literalmente, "depressa vamos!") (Martins, 1926:17-18). O contexto para essa frase foi fornecido por Arakxó: os kaingáng tiveram de ceder os campos de Curitiba, que antes teriam ocupado, aos portugueses e, ao retirar-se, seu líder teria pronunciado tal frase, que os portugueses teriam percebido imperfeitamente e transformado em Curitiba (Martins, 1926:17-18). Com base nessa "etimologia popular" kaingáng, o mesmo Romário Martins teceu, mais tarde, uma pequena peça literária, que apresentou, sob o título "Cúri-tim!", com outras por ele igualmente romanceadas, em seu livro Paiquerê (Martins, 1940:54-55).

Quando, em 1950, visitei os kaingáng de Mangueirinha, na Campina do Kretã (ou Campina dos

Índios), ao sul do rio Iguaçu, no sudoeste do Paraná, para colher dados lingüísticos, Maria Francisca das Dores, então a mais velha mulher da comunidade, com cerca de 60 anos (já tinha visto duas secas da taquara e estava para ver a terceira, sendo que a taquara, segundo a observação dos kaingáng, seca de 25 em 25 anos), depois de ter-me fornecido diversas informações lingüísticas e culturais, apresentou-me, espontaneamente, uma versão contextualizada da etimologia do nome Curitiba, paralela à de Arakxó:

"Antigamente os Kaingáng cruzaram um rio grande, que decerto era o mar. Um velho disse: - Vão comer fruta daquela que tem galho só na ponta e outra que tem folha só na cabeça e aí dá a fruta (são as palmeiras e o pinheiro). Então fizeram morada lá em Curitiba (o vovô contava que esse é um nome de nosso idioma). Olharam o lugar para onde a gente tinha mudado. Aí ele disse: - Você vá campear carreiro de anta ou veado em Guarapuavinha, para nós descermos (literalmente, "Ligeiro, levante e corra!").

Aí é que puseram o nome desse lugar Curitiba."  
(*é ruim descer ali*). Disse: - *Ande, ande! Kuri tibke*

Como se vê, tornou-se uma tradição entre os kaingáng assumir a paternidade do nome da capital paranaense, associando-o com uma estada nos campos de Curitiba e subsequente partida apressada daí. Note-se que os kaingáng de Mangueirinha não são idênticos aos kaingáng do Ivaí: estes falam o

dialeto do Paraná da língua kaingáng, cuja área geográfica se estende desde o rio Paranapanema até o Iguaçu, ao passo que aqueles falam o dialeto central, cuja área vai do Iguaçu até o rio Uruguai (Wiesemann, 1971, Prefácio). A tentativa de explicar um nome originalmente tupi-guarani pela língua kaingáng não se restringe a Curitiba, pois a velha Maria Francisca das Dores apresentou-me também uma interpretação kaingáng para o topônimo Itapetininga ("laje seca" na língua geral paulista).

### Atuba

Segundo Júlio Moreira o documento mais antigo em que aparece o nome Atuba, aplicado ao lugar onde teve início o povoado que deu origem a Curitiba, é datado de 1729, bastante tardio (Moreira, 1972:32). Nesse documento, que é uma ata da Câmara de Curitiba, aquele nome aparece sob a forma Iguatuba. Oito anos mais tarde é escrito latuba, Yatuba e Vatuba em outras atas. Ainda que Moreira suponha troca da letra y pela letra v, por descuido, na última forma, o mais certo é que Vatuba deva ser lido Uatuba. Quanto a Iguatuba, é provavelmente uma escrita alternativa para Igatuba (compare-se, no Vocabulário na Língua Brasileira, manuscrito do começo do século XVII,

auguourento por "agourento" e aquolâ por "acolâ" (Anônimo, 1952:27, 40). Tanto essa forma Iguatuba como Yatuba são provavelmente representações do guarani y'átýba "cabaçal", formado de y'á "cabaça" (Ruíz de Montoya, 1639:165, escrito ĭá). Comparem-se as duas formas portuguesas Igapó e lapó (antes Yapó), ambas tendo como étimo 'yapó "pantano" (Ruíz de Montoya, 1639:163v, ĭapó). Já em Uatuba (Vatuba) teríamos a substituição da vogal guarani y pela portuguesa u, tal como no elemento týba convertido em -tuba e como no topônimo Uberaba, adaptado de 'ýberába "água brilhante" (de 'ý "água" e beráb "brilhar", cf. Ruíz de Montoya 1639:163 e 77v). Uatuba é que deve ter-se transformado no atual Atuba, talvez por deglutinação: Uatuba reinterpretado como o Atuba.

### Conclusão

Resumindo tudo o que foi dito neste estudo, concluimos que o nome Curitiba é um dos mais interessantes topônimos brasileiros. Se o seu significado, "pinhal", é claro, transparente, constituindo-se num exemplo do topônimo clássico, que espelha a paisagem fisiográfica a que foi aplicado e em que sobreviveu, o mesmo não se dá com sua forma, a qual destoa do cenário toponímico em que

se acha inserida. Embora só pudesse surgir numa região revestida de pinheiros-do-Paraná, como seus vizinhos imediatos ou próximos de língua portuguesa - Pinhais, São José dos Pinhais, Pinhalzinho, Pinhalão, Pinheiral de cima, Pinheirinho, Pinheirinhos -, sua pronúncia revela sotaque de pessoas vindas de regiões longínquas, ou do interior paulista ou do Rio de Janeiro, ou de ambos. Não se trata de um topônimo transplantado, pois não havia pinhais nas regiões de onde provieram aquelas pessoas, mas de pronúncia local, <sup>e imigrantes que prevaleceu sobre a pronúncia</sup> que teria produzido Curitiba ou Curituba, como os nomes vizinhos de origem indígena Atuba, Botatuba, Imbituba, Guabirota, Mandirituba, Imbotuba). Ainda que seja seguramente um nome de origem tupi-guarani, é mais provavelmente um nome da língua geral que falavam no século XVII os manelucos e não uma herança direta dos índios guaranis que teriam habitado a região.

Por outra parte, Curitiba é um dos raros casos bem conhecidos de topônimo certamente tupi-guarani para o qual existe uma reivindicação etimológica por parte de falantes de uma língua indígena não tupi-guarani, no caso a língua kaingáng, da família lingüística jê.

Acrescentei a etimologia do nome Atuba por ter sido este o da primeira sede histórica de Curitiba, mas

não cabia, num estudo desses topônimos de origem indígena, falar da história entretecida de lendas da transferência do povoado original do Atuba para Curitiba, nem da grande variação da designação da vila fundada há trezentos anos: Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, Nossa Senhora da Luz de Curitiba e, afinal, Curitiba. Essa extraordinária variação também faz da história toponímica de Curitiba uma das mais notáveis do Brasil. Mostra, inclusive, que foi muito grande a possibilidade de o nome Curitiba não ter vingado e não ter chegado aos nossos dias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANCHIETA, Joseph de. 1595. Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil. Coimbra : São Paulo : Loyola, 1990. Ed. facsimilar.

Vocabulário na língua brasílica. São Paulo : Universidade de São Paulo, 1952.

Vocabulário na língua brasílica. São Paulo : Universidade de São Paulo, 1953.

BANDEIRA, Euclides. "O nome da capital do Paraná". *Pátria e Lar*, Curitiba : [s.n.], n. 5-6, 1912.

CASAL, Manuel Aires de. Corografia brazílica, ou relação historico-geografica do Reino do Brazil. Rio de Janeiro : [s.n.], 1817. T.1.

DOOLEY, Robert. Vocabulário do guarani: vocabulário básico do guarani contemporâneo (dialeto mbúá do Brasil). Brasília : Summer Institute of Linguistics, 1982.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. Etimologia do topônimo Curitiba. IN O Estado do Paraná, Curitiba 14 de abr. 1983.

LEÃO, Ermelino Agostinho de. Dicionário histórico e geográfico do Paraná. Curitiba, Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1926-68. 6 v.

MARTINS, Romário. Curityba: estudo onomástico. Curitiba : Livraria Mundial, 1926.

\_\_\_\_\_. "Toponomástica indígena do Paraná". Revista do Circulo de Estudos "Bandeirantes", Curitiba, v.1, n.1, 1934.

\_\_\_\_\_. Paiquerê: mitos e lendas, visões e aspectos. Curitiba: Aqui!, 1940.

MARTIUS, Carl F.P. von. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. : (zur Sprachenkunde: Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Leipzig) : F. Fleischer, 1867, v.2.

- MÉTRAUX, Alfred. La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani. Paris: Geuthner, 1928.
- MÉTRAUX, Alfred. "The Tupinamba". In: J. H. Steward (org.), Handbook of South American Indians 3:95-133. (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143). Washington: Government Printing Office, 1948.
- MOREIRA, Júlio E. Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1972.
- NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro : [s.ed.], 1952.
- RODRIGUES, Aryon D. "Curitiba: tupí ou guaraní?" Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro : [s.ed.], 1953. Edição comemorativa do Centenário do Paraná.
- RODRIGUES, Aryon D. Phonologie der Tupinambá-Sprache. Tese de doutorado, Universidade de Hamburgo, 1958.
- RODRIGUES, Aryon D. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. Coimbra : Revista Portuguesa de Filologia, 1959.
- RODRIGUES, Aryon D. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- RUÍZ DE MONTROYA, Antonio. 1639. Tesoro de la lengua guarani. Madrid. (Edição facsimilar, Leipzig, 1876; reprodução tipográfica, Viena e Paris, 1876).
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine. Paris : [s.ed.], 1851.
- SAMPAIO, Theodoro. O tupy na geographia nacional. São Paulo : [s.ed.], 1901.
- WACHOWICZ, Ruy C. História do Paraná. Curitiba : Ed. Gráfica Vicentina, 1988.
- WIESEMANN, Ursula. Dicionário kaingáng-português, português-kaingáng. Rio de Janeiro : Summer Institute of Linguistics, 1971.

## O NOME CURITIBA Textos Selecionados

O Nome da Capital do Paraná  
*Euclides Bandeira*

CURITYBA  
*Ermelino de Leão*

CURITYBA - Estudo Onomástico  
*Romário Martins*

CÚRI-TIM!  
*Romário Martins*

Etimologia do Topônimo "CURITIBA"  
*R. F. Mansur Guérios*

CURITIBA  
*Boletim IHGEP*